

Minas Gerais

Plantar água para colher esperança: família quilombola garante soberania alimentar através do P1+2



Entre diversas frutas plantadas no quintal, Ana Lúcia e os filhos celebram com alegria mais uma colheita na propriedade da família

“A chegada da água ajudou a melhorar a vida da minha família, hoje a nossa alimentação é de qualidade, sem veneno, nós colhemos os frutos do que plantamos aqui e vivemos com dignidade em nossa terra”. Ao olhar para sua caminhada, a quilombola Ana Lúcia Soares Bispo, de 39 anos, fica feliz pela possibilidade de ver os seis filhos tendo uma alimentação saudável na mesa de casa. Ela reflete que, se a realidade hoje traz o retrato da fartura de alimentos na mesa, no passado as diversas dificuldades para ter acesso à água impunham uma vida dura para a sua família. Nascida e criada na comunidade de Orion, no Quilombo Brejo dos Crioulos, em Varzelândia, no Norte de Minas, ela se recorda das longas e duras caminhadas que fazia neste território para buscar água.



“Todos os dias eu andava por volta de quinze minutos, debaixo do sol, para buscar água no balde, na lagoa. Quando a lagoa secava, a gente tinha que andar mais para ir até o riacho buscar água para tomar banho, fazer comida, para tudo. Era um trabalho muito pesado que eu tinha que fazer essa sozinha”, relembra. “Na época da chuva, quando tinha enchente, a gente pegava a água vermelhinha que era só o barro, eu tinha que preparar a comida com a água suja, o arroz ficava vermelhinho”, completa.

Em 2014, Lúcia recebeu a cisterna de 16 mil litros do Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC), que garante água para o consumo humano. Após quatro anos, em 2018, ela recebeu a cisterna de produção com 52 mil litros, implementada pelo Programa 1 Terra e 2 Águas (P1+2).

Ana Lúcia reflete que foi com o P1+2 que ela aprendeu como fazer a gestão da água, e após a chegada da cisterna teve a oportunidade de investir no cultivo de legumes, frutas e hortaliças. Quando fala sobre o seu quintal produtivo, a agricultora estampa um sorriso no rosto enumerando os alimentos: “mamão, manga, cajá, coco, acerola, limão, goiaba, laranja, tangerina, pinha, seriguela, abacate, cebola, cebolinha, alface, couve, mandioca, cana, milho, maxixe, abóbora, feijão, feijoa”.



“Eu achava difícil ter um plantio no meu quintal, porque a água era bem escassa, quando é que eu ia imaginar que eu poderia plantar abacaxi e morango? Mas com a chegada da água, eu vi que não é impossível, hoje eu tenho essas e outras frutas no meu quintal que planto para a minha família, para doação na comunidade e para vender na feira. A partir da venda dos produtos da horta e dos temperos, eu consigo arrecadar o meu dinheirinho”, explica Lúcia.

O acesso à água para beber, cozinhar e produzir proporcionou à família autonomia para garantir a própria soberania e a segurança alimentar. Tudo que é colhido do quintal vai para a mesa, evitando o consumo de alimentos contaminados com veneno e também dos chamados ultraprocessados que não alimentam e provocam doenças. Para Lúcia, a colheita do seu quintal aponta para possibilidades que vão além da perspectiva financeira. Ela reflete que a chegada das duas cisternas possibilitou às filhas e aos filhos a oportunidade de vivenciar uma realidade de dignidade, de ir para escola no horário, de ter comida na mesa e de ver que é possível viver da terra.

“Ver tudo isso hoje crescendo no meu quintal é a realização de um grande sonho coletivo. No P1+2, tive a oportunidade de conhecer outros territórios e as experiências das famílias dos agricultores. Isso foi muito bom porque aprendi muitas coisas e vi que é possível sonhar com outras possibilidades para o meu quintal produtivo”, comemora Lúcia.

